

## XXV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - XXV ENANCIB

### GT 1 – Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação

#### INFORMATION LITERACY, UMA PSEUDOTEORIA?: NOTAS PARA UM DEBATE EPISTEMOLÓGICO

#### *INFORMATION LITERACY, A PSEUDO THEORY?: NOTES FOR AN EPISTEMOLOGICAL DISCUSSING*

**Marcos Paulo de Passos** – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp)  
Campus de Marília

**Carlos Cândido de Almeida** – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”  
(Unesp) Campus de Marília

#### **Modalidade: Trabalho Completo**

**Resumo:** refletir sobre os limites da abordagem Information Literacy, centrada nas *competências* que tornou-se modelar no ensino em Ciência da Informação. Objetiva-se analisar se a abordagem da information literacy e correlatas apresenta realmente uma teoria científica. Se os conceitos que professa são científicos, baseados em fatos sobre a aprendizagem. Se trata de uma teoria ou apenas uma ideologia mantida por instituições internacionais, associações profissionais e acadêmicas procurando um status científico. Se utiliza a linguagem da ciência para se passar por científica recorrendo a termos como “modelo”, “método”, “pesquisa”, “teoria”, dentre outros. A problemática presente nos postulados da *information literacy*, da *culture de l'information*, assim como em outras abordagens correlatas não foram superadas e encontram-se de maneira lacunar nos debates dessa subárea de conhecimento no contexto da Ciência da Informação.

**Palavras-chave:** information literacy; competência em informação; competência crítica em informação; epistemologia.

**Abstract:** reflect on the limits of the Information Literacy approach, focused on the skills that have become a model in Information Science teaching. The objective is to analyze whether the approach of information literacy and related really presents a scientific theory. If the concepts you profess are scientific, based on facts about learning. It is a theory or just an ideology maintained by international institutions, professional and academic associations seeking a scientific status. The language of science is used to pass for scientific using terms such as "model", "method", "research", "theory", among others. The problems present in the postulates of information literacy, of the culture de l'information, as well as in other correlated approaches have not been overcome and are lacunar in the debates of this sub-area of knowledge in the context of Information Science.

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB**  
**Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

**Keywords:** information literacy; information competence; critical information literacy; epistemology.

## **1 INTRODUÇÃO**

Desafios contemporâneos implicados nos processos relacionais com a informação têm impactado diferentes áreas do conhecimento. No campo da Ciência da Informação, no tocante às chamadas *aprendizagens informacionais*, as abordagens estadunidense e francófona têm interesse de destaque nas dinâmicas de construção de conhecimento, sobretudo, porque seus desdobramentos reforçam à sua maneira, o modo de agir nos campos de pesquisa, ensino e extensão, e quadros profissionalizantes cobertos pela área, especialmente, Biblioteconomia/Bibliotecas/Bibliotecários, que possui certa tradição na educação de usuários.

*Information literacy*, originalmente, compreendida como conjunto de habilidades voltado a tornar indivíduos mais autônomos em relação à identificação de necessidade, de busca e de uso de informação na área industrial, na década de 1970 (Nascimento, 2018; Siqueira, 2011; Silva, 2021), passou a ser redefinida em termos de *aprendizagens* no contexto educacional estadunidense e mundo afora nas décadas seguintes (Campello, 2009; Dudziak, 2003; Perrotti; Pieruccini, 2013; Virkus, 2003).

A consolidação e internacionalização de pressupostos advindos da abordagem estadunidense em diferentes territórios nacionais implicou, de um lado, o apoio de organizações e associações internacionais tais como a *American Library Association (ALA)*, a *Association of College & Research Libraries (ACRL)*, a *International Federation of Library Associations and Institutions (IFLA)* e *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO)* (Burch, 2005) e, de outro, adoção e adequação terminológica “flexível” para quadros socioculturais em que a língua inglesa não fosse predominante. Assim, diferentes expressões têm mantido correlação com pressupostos da *information literacy* (Gasque, 2010; Santos; Maia, 2021). Exemplos da mobilização e da difusão em prol da *information literacy* são expressões como “*alfabetización Informacional*” (ALFÍN), em países de língua espanhola (Marzal; Prado, 2007; Uribe Tirado, 2010), “literacia da Informação”, em Portugal (Uribe Tirado, 2010), “*maîtrise de l’information*” e “*compétences informationelles*” na França (Le Deuff, 2009), “*Informationskompetence*” na Dinamarca, “*Informatiokompetenssi*” na Finlândia, “*Informasjonskompetanse*” na Noruega,

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB  
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

“*Informationskompetens*” na Suécia, “*Informationskompetenz*” na Alemanha (Santos; Maia, 2021); e, no Brasil, “*letramento Informacional*” (Campello, 2002), “*competência Informacional*” (Dudziak, 2001) e “*competência em informação*” (Belluzzo, 2005; Gasque, 2010).

Vale destacar que a abordagem francófona, originada de perspectivas precursoras do movimento da *information literacy* tais como a “*library instruction, bibliographic instruction and user/reader education*”, desde a década de 1990 (Caires, 2014; Maury; Serres, 2010), apresenta diferentes termos e denominações que coexistem de forma complementar como “*Éducation à l’Information*” e “*Culture de l’Information*”, utilizadas no lugar de “*Éducation Documentaire*” (Perrotti; Pieruccini, 2013), além de “*Culture Informationnelle*” e “*Translittératie*” (Le Deuff, 2009; Serres, 2010). Todas as abordagens, que embora se distingam substancialmente em suas especificidades, mantém correlações com a base fundante da *information literacy*: assimilação de *competências e habilidades informacionais* pelos sujeitos, por meio de programas de *aprendizagens informacionais*, tais como “*Information, Seeking Process*”, “*Big 6 Skills for Information Problem Solving*”, “*Chercher pour trouver*”, “*Apprendre à s’informer*”, dentre outros (Pieruccini, 2004).

A conjuntura apresentada tem sido abarcada por instituições de ensino superior e básico e aplicadas a diferentes dispositivos culturais, como por exemplo, as bibliotecas universitárias, públicas e escolares, reconhecidos espaços de formação e mediação cultural da contemporaneidade.

A presente proposta, no entanto, procura tratar o problema como uma questão epistemológica, pois os especialistas em *information literacy*, quando defendem a supremacia dos modelos de aprendizagem, manifestam uma suposta teoria da cognição e uma abordagem sobre o sujeito aprendente. Nesse sentido, a questão que se coloca é saber qual a sustentação científica dessas teorias. Seriam essas realmente teorias baseadas em fatos empíricos sobre experiências de formação ou apenas um conjunto de princípios e doutrinas as quais poderiam ser enquadradas como ideologias ou pseudoteorias?

A opção metodológica para esta comunicação tem como finalidade, refletir e identificar aspectos que indiquem as supostas filiações filosófico-político-econômicas das constituições epistêmicas presentes nas abordagens estadunidense e francófona.

De forma a dar subsídios ao argumento sustentado pelos autores, como amostra, foi realizada pesquisa não sistemática acerca do tema na base de dados Scopus. Assim, aplicamos

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB**  
**Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

expressões de busca considerando os títulos, os resumos e as palavras-chave do seguinte modo: “*information literacy*”, com 12.316 documentos recuperados; “*alfabetización informacional*”, com 113 documentos recuperados; “competência em informação”, 77 documentos recuperados; “*Critical Information Literacy*”, 151 documentos recuperados; “*culture de l’information*” e “*culture informationnelle*”, com 5 documentos recuperados sob cada expressão, equivocadamente tomadas como sinônimos (Cornu *et al.*, 2005).

Os mesmos termos com composições mais amplas e específicas como: “*information literacy*” AND (*university libraries*), obteve 537 documentos recuperados; “*information literacy*” AND (*public libraries*), 557 documentos recuperados; “*information literacy*” AND (*school libraries*), 637 documentos recuperados; “*culture de l’information*” AND (“*bibliothèque universitaire*” OR “*bibliothèque publique*” OR “*bibliothèque scolaire*”), nenhum resultado. Alguns dados modificam se aplicados à base de dados francófona HAL: *science ouverte*<sup>1</sup> : “*maîtrise de l’information*”, 2.527 resultados; “*information literacy*”, 349 resultados; “*compétences informationnelles*”, 82 resultados; “*alfabetización informacional*”, 2 resultados. Acerca dos processos de busca empreendidos, vale dizer que não foram aplicados intervalos temporais, nem filtros relacionados a áreas do conhecimento.

O critério para seleção do *corpus* de análise foi definido em função da recorrência de autores citados em diferentes trabalhos publicados sobre o tema COINFO (Leite; De Lucca; Neubert, 2022), reconhecidos no Brasil, também por sua colaboração histórica no adensamento do campo. De forma preliminar, os resultados da amostra nos permitiram notar uma diferença abrupta de produção científica levada a efeito sob orientação da abordagem estadunidense. Além disso, mostra a forte tendência para assimilação do uso terminológico, em inglês, que revela adaptação às exigências da globalização e de padrões culturais de origem norte-americana, conforme já apontado por Nascimento (2018). No reverso, as expressões de busca aplicadas em base de dados, cujos indexadores estão na língua francesa, indica que há predominância da tradução de *information literacy* naquele país. Por fim, a pesquisa nos permitiu a identificação de autores e filiações institucionais que tem se dedicado ao tema, cuja produção confirma uma perspectiva anglófona predominante. Tais dados não são objeto central dessa comunicação, portanto, objeto para outra comunicação.

---

<sup>1</sup> Plataforma de disponível em: <https://hal.science/>.

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB  
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

Para fins de problematização, com relação ao proposto neste trabalho, adotamos os critérios de cientificidade propostos por Mario Bunge (2013), inscrita no quadro dos estudos epistemológicos. Refletir sobre os limites de abordagens centradas nas *competências*, que se tornou modelar no ensino em Ciência da Informação, é desafio para estudos que visem propor a construir uma perspectiva integral e culturalmente situada.

## **2 INFORMATION LITERACY E CULTURE DE L'INFORMATION**

A expressão *Information Literacy* foi empregada pela primeira vez em 1974, num relatório apresentado para a Comissão Nacional de Bibliotecas e Ciência da Informação, agência do governo estadunidense que reúne empresas envolvidas com a criação, distribuição e uso de produtos, serviços e tecnologias de informação (Siqueira, 2011).

De autoria de Paul G. Zurkowski, que na ocasião era presidente da Associação de Indústrias dos Estados Unidos, o relatório *The information service environment relationships and priorities*, texto seminal da *information literacy*, recomendava a realização de um programa nacional vinculado às bibliotecas escolares, que deveria, em até uma década, tornar a população norte-americana em *information literates* (Nascimento, 2018; Siqueira, 2011), ou seja, sujeitos com formação técnica para operar a informação face ao quadro socioeconômico que se desenhava na época.

Interessado em sistemas de patentes e ligado à economia do conhecimento, Zurkowski defendia que educação, pesquisa e desenvolvimento eram fundamentais ao crescimento econômico e ao desenvolvimento social. Nesse sentido, políticas que ampliassem o número de trabalhadores ligados à pesquisa e ao desenvolvimento deveriam constituir o *modus operandi* para a manutenção e aumento do progresso econômico dos Estados Unidos (Siqueira, 2011).

Diferentes mobilizações em favor da *information literacy* seguiram na década de 1970 nos Estados Unidos. Em 1976 o conceito apareceu vinculado a uma série de habilidades e conhecimentos que incluía a localização e o uso da informação. A ênfase não se limitava somente à busca de informação, mas a capacitação, domínio de técnicas e habilidades de uso das ferramentas informacionais para tomada de decisões com foco na resolução de problemas, requisitos para competências (Dudziak, 2003).

Suas bases fundantes, portanto, alinhavam-se à *noção de competência e information literacy* entrou para a pauta das discussões acadêmicas e empresariais associada a diferentes

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB**  
**Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

instâncias de compreensão: no nível pessoal, competência do indivíduo, nas organizações, as *core competences*, nos países, nos sistemas educacionais e profissionais, no campo das práticas, assimilação e domínio de *skills* (Fleury; Fleury, 2001).

Nas décadas seguintes, 1980 e 1990, com o advento das tecnologias de informação e comunicação, a *information literacy* expandiu-se e sua natureza instrumental foi acentuada. Bibliotecas e Educação estreitaram laços, considerando a natureza de suas ações e a proximidade de suas especificidades no campo educativo. Em síntese, o modelo de aprendizado indicava a necessidade de uma reestruturação curricular, com uso dos recursos informacionais disponíveis para a aprendizagem e aplicabilidade na “resolução de problemas” (Dudziak, 2003).

Na década de 1990, os programas educacionais voltados para *information literacy* tais como *Information Seeking Process* e o *Big 6 Skills for Information Problem Solving*, dentre outros, expandiram-se a diferentes países, especialmente, no quadro das bibliotecas universitárias. A ênfase em aprendizagens vinculadas às tecnologias de informação e comunicação e os ambientes eletrônicos concernentes aos processos de pesquisa (busca, acesso, avaliação e uso da informação) provocou o surgimento de diferentes mobilizações em favor da *Information literacy*. Sua institucionalização, também, foi promovida com a publicação anual do *Bibliographic instructions and information literacy*, que mantém revisão de artigos sobre o tema desde 1991 (Dudziak, 2003).

Em 1998, a *American Library Association* publicou o relatório *A progress report on information literacy: an update on the American Library Association Presential Committee on Information Literacy: final report*. O documento reafirma a adequação de sistemas e de profissionais de informação à realidade atual, de multiplicidade de recursos e fontes informacionais e a necessidade de atuação interdisciplinar, reforçando a integração dos ambientes educacionais e profissionais (Dudziak, 2003). Estas e muitas outras mobilizações em favor da *information literacy* garantiram mais do que sua consolidação no contexto estadunidense, sua disseminação em diferentes países, como Austrália, Reino Unido, Canadá, África do Sul e outros (Campello, 2009; Dudziak, 2003; Virkus, 2003).

No Brasil, após anos de pesquisas levadas a efeito sobre o tema, foi no Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, organizado pela Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas de Informação e Instituições (FEBAB) em 2011, que foi definida uma tradução oficial para *information literacy*: “competência em Informação”

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB**  
**Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

(Declaração de Maceió, 2011). A este documento primevo, no contexto nacional, seguiram-se outros como o Manifesto de Florianópolis (2013), a Carta de Marília (2014) e, recentemente, o Manifesto político sobre competência em informação, bibliotecário: profissional luz (2022), promovido pela FEBAB, com autoria e organização do Grupo de Trabalho de Competência em Informação (GT - ColInfo), acompanhando recomendações internacionais da *American Library Association*, da *Association of College & Research Libraries*, da *International Federation of Library Associations and Institutions*.

Em termos conceituais, observamos que a compreensão acerca da *information literacy*/competência em informação alcançou um adensamento substancial, diferentemente dos primórdios de sua laboração que foi expressa e vinculada ao processo de busca, localização, análise, seleção, compreensão, apropriação e uso da informação (Dudziak, 2003). Nesse sentido, destacaram-se trabalhos de Belluzzo (2005), Campello (2009) e de Vitorino e Piantola (2009). Progressivamente os estudos buscaram concatenar variáveis de ordem cognitiva, técnica e social, bem como, explicitar suas dimensões para além do tecnicismo acentuado ao evocar aspectos éticos, estéticos e políticos.

Atualmente, no âmbito internacional, a *Chartered Institute of Library and Information Professionals* (CILIP, 2018) define a *information literacy* como relação que se estabelece com a informação em todas suas formas, associada a outras habilidades e alinhada com outras áreas de conhecimento; em seu viés político, contribuinte para sociedades democráticas, inclusivas e participativas, interpretada pela UNESCO como um direito humano universal (CILIP, 2018).

Depreende-se que apesar dos notórios avanços alcançados pela *information literacy* no curso de cinquenta anos de sua origem, seus pressupostos, sob outros rótulos, mantiveram-se fiéis à lógica de atendimento aos nichos de mercado que a fez emergir no quadro socioeconômico norte-americano na década de 1970.

Na França, a *information literacy* foi introduzida nos anos de 1990, já no quadro de expansão e de consolidação da IL no continente (Nascimento, 2018). Assim, no contexto francófono, *information literacy* é traduzida como *maîtrise de l'information*, abordagem que pressupõe uma formação para a informação documentária, considerando planos técnico e metodológico, acesso a tecnologias, avaliação, seleção, utilização eficaz e crítica da informação (Le Deuff, 2009). Vale frisar que o termo não é unânime e, a depender da região geográfica no país, pode aparecer expresso como "*compétences informationnelles*",

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB**  
**Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

mantendo mesmo sentido (Le Deuff, 2009). Para Serres (2010), a *maîtrise de l'information* pode ser definida como um conjunto de competências metodológicas, “info-documentárias”, referentes a saber pesquisar, encontrar, avaliar, tratar a informação de interesse.

Na abordagem francófona, a noção de *maîtrise de l'information* concorre com outras abordagens, tais como *culture de l'Information*, *culture Informationnelle* e *translittératie* (Le Deuff, 2009).

*Culture de l'Information* e *Culture Informationnelle* possuem características próximas e pressupõem um nível de cultura geral, cujo conhecimento das mídias, das dimensões éticas e da integração social ultrapassam o domínio de competências documentárias e técnicas. Além disso, pressupõem a utilização autônoma, crítica e criativa da informação, visando à produção de novos saberes (Le Deuff, 2009).

Para Le Deuff (2009), a primeira se refere a um nível coletivo enquanto a segunda, ao individual. Para além de suas especificidades, *culture de l'information* e *culture informationnelle* estão ligadas a uma cultura geral, ampla, característica do sistema educacional francês e, também, a uma cultura transdisciplinar, que valoriza a dimensão da informação e da ação em todas as atividades (Maury; Serres, 2010).

Vale ressaltarmos que na França, a ciência da informação apresenta uma particularidade distinta dos demais países. Diferentemente da abordagem estadunidense, dos países signatários e do Brasil, as pesquisas realizadas são resultado do entrecruzamento das áreas de Informação e de Comunicação, associação que influenciou seu próprio desenvolvimento.

Couzinet (2009) aponta que essa aproximação ampliou o escopo de estudos da área, com foco em três grandes orientações temáticas: 1) registros do conhecimento; 2) práticas humanas e sociais de elaboração, compartilhamento, acesso e apropriação da informação; 3) formalização e cálculo para processamento tecnológico e matematização; história do livro e da leitura, leitores, documentos, mídias e cultura.

Os diferentes domínios de estudo da informação constituem outro eixo de interesse da *culture de l'information* e da *culture informationnelle*, cada um referente a um aspecto: informação-documentária, em seu significado tradicional (documentação, sistema de informação, acesso à informação); cultura documentária e informacional; tecnologias de informação e da comunicação para a cultura digital; mídias de massa; e a cultura da comunicação (Maury; Serres, 2010).

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB**  
**Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

*Culture de l'Information* e *Culture Informationnelle* apresentam quatro componentes essenciais e fundantes: um epistemológico, um sociotécnico e sociológico, um axiológico e um didático (Serres, 2010). Tais aspectos ressaltam o fato de que o ingresso no universo da informação exige mais que domínio de conteúdos disciplinares; implica conhecer a lógica de produção da informação, os contextos que a definem, os instrumentos pelos quais é produzida, circula e é usada, bem como a construção de valores que coloquem o sujeito em diálogo com ela (Serres, 2010).

Em síntese, os autores explicitam que a *maîtrise de l'information* está profundamente ancorada no campo da “informação documentária”, isto é, dos repertórios de bibliotecas e seus congêneres, enquanto a *Culture de l'Information* e *Informationnelle* recobrem territórios informacionais mais extensos, concernentes a um conjunto de relações e representações sociais, conhecimentos e práticas, em suas dimensões sociológica e educativa. A primeira, se refere a um conjunto de práticas, valores e representações de uma dada população com relação à informação e, a segunda, a um conjunto não fixo de saberes, de usos, de valores, além de uma dimensão axiológica e territorial (Serres, 2010).

De acordo com Serres (2010, p. 10), a dimensão axiológica se define por uma finalidade educativa, (a educação para a informação) e a territorial, pelas imbricações entre culturas digitais, midiáticas, infodocumentárias e sua articulação com uma cultura de mediações digitais, agrupadas pela *Translittératie*. Assim, a *Translittératie* soma-se ao conjunto como novo desdobramento e como noção transversal em relação às anteriores. Assim, designa-se como conjunto de competências implementadas pelos usuários em todos os meios disponíveis de informação e comunicação, e que consistem na capacidade de ler, escrever e interagir através de uma variedade de plataformas, ferramentas e meios de comunicação, desde as iconográficas até a oralizada, através da escrita manual, manipulação e edição de imagens, uso de rádio, televisão, cinema, busca de informações, uso de redes sociais, decodificação e produção de informações (Serres, 2012).

Em resumo, a *maîtrise de l'information* pode ser definida como um conjunto de competências metodológicas infodocumentárias, referentes a saber pesquisar, encontrar, avaliar, tratar a informação selecionada, enquanto a *culture de l'information*, *culture informationnelle* (análoga à cultura histórica, econômica, literária etc.) e *translittératie* não se caracterizam apenas pelo domínio, habilidades e competências, mas sim pelos saberes, valores, visões de mundo (Serres, 2010). Nesse sentido, se caracterizam como uma cultura de

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB**  
**Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

aprendizagem que desafia a vida psíquica dos sujeitos em sua dimensão emocional, cognitiva e conativa (Maury; Serres, 2010, p. 32).

Em resumo, as teorias subjacentes nas diversas abordagens podem ser agrupadas em dois grupos: o primeiro sustenta que a educação do sujeito para construir o *conhecimento* é dada através do desenvolvimento de *competências* objetivas (analisar, processar, escrever, interpretar, comunicar etc. O segundo grupo defende que o convívio em uma comunidade colaborativa ideal lhe fornecerá uma cultura geral e completa para lidar com a informação e práticas culturais que incluem a informação como parte de um contexto maior, incluindo aspectos sociológicos, antropológicos, filosóficos, ou seja, ultrapassando limites dados pelos campos educativo e formativo. Nesse sentido, ambas abordagens se inscrevem na herança do pensamento positivista e funcionalista, que tem no *produtivismo* e na *capacitação* a chave de interpretação das relações sociais, da cultura e da educação (Nascimento, 2018). Nesse quadro, *competência* aparece relacionada a contextos estruturados, com fluxos definidos, ligados a situações formais de trabalho, e *conhecimento*, reduzido a *meio* de produção (sociedade da informação/do conhecimento).

Em suma, podemos rotular essas duas tendências, apesar dos problemas que isso acarreta, como cognitivo-behaviorista e cultural-construtivista. Defende-se que a supremacia de uma ou outra teoria deve ser dada por uma análise empírica e não doutrinária. A participação em um ou outro movimento associativo que promove o tema, seja nos Estados Unidos ou na França, ou mesmo em países a eles alinhados, não deve ser confundida com a análise da eficácia das teorias. Em resumo, a adoção de uma teoria não deve basear-se apenas em questões de alinhamento político. Nesse sentido, abordaremos na seção seguinte as noções de ciência, pseudociência e critérios de cientificidade como base para análise proposta.

### **3 CIÊNCIA E PSEUDOCIÊNCIA**

Ao longo dos séculos, a Ciência tem enfrentado questionamentos sobre sua atuação e abrangência (Nagel, 1972; Pando, 2018). Do ponto de vista histórico, herdamos da Grécia antiga a “[...] ideia de ciência (*episteme*) como um conhecimento racionalmente fundamentado, uma teoria da realidade” (Germano, 2011, p. 42). A adoção do conhecimento lógico e sistematizado, pautado pela racionalidade e pelo empirismo, influenciaram a cultura científica no ocidente e moldaram uma forma de relação humana com o mundo (Germano,

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB**  
**Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

2011). Por mais que sejam reconhecidos os avanços sociais e tecnológicos possibilitados pelo “pensamento científico”, na busca de melhorias para condições de vida, sua credibilidade, invariavelmente, é posta em xeque no âmbito social mais amplo, sobretudo, nas camadas populares, seja por incompreensão de suas premissas, barreiras linguísticas ou de acesso, por força religiosa ou em decorrência de inúmeros eventos traumáticos e catástrofes inimagináveis registradas no curso de nossa história.

No entanto, reconhecendo limites postos ao seu desenvolvimento, a ciência tem consolidado suas teorias, seus métodos, suas técnicas e mantido suas dinâmicas intrínsecas de modo firme e constante (Chibeni, 2006). Dentre os aspectos mais destacados e difundidos na sociedade, que ajudam a defini-la em termos de natureza e objetivos, figuram: 1)] o controle prático da natureza; 2) o conhecimento sistemático e seguro; 3) os estudos metódicos (Nagel, 1972). Tais atributos constituem alicerces da Ciência em seu modelo clássico ou moderno. No entanto, os pensadores da modernidade ficariam escandalizados, hoje, se pudessem comprovar que existam no âmbito das universidades e das instituições científicas, professores e pesquisadores que “[...] *simulan hacer ciencia, cuando de hecho sólo imitan el aspecto exterior de la misma, a la par que otros simulan hacer filosofía cuando de hecho practican ideología o incluso mera prestidigación verbal*” (Bunge, 2013, p. 111).

Na história da ciência, os estudos metódicos, seu traço mais perene, serviram para diminuir crenças, imprecisões, incompatibilidade entre diferentes experimentos e práticas supersticiosas de outrora. Conhecimentos pautados pelo “bom senso”, replicados inadvertidamente no cotidiano, configuraram sua natureza fragmentária, cujas relações lógicas e substantivas presentes em seus enunciados associaram ideias independentes, ignoradas na sua laboração; além disso, desprezaram outras possibilidades de enfrentamento de problemas concretos, mantendo sua vigência por força da autoridade, conferida por um costume que não sofreria contestação. Forjado sob essa égide, tornou-se um conhecimento utilitarista, relacionado diretamente com interesses práticos imediatos, aplicáveis apenas a áreas de experiência rotineira (Nagel, 1972).

Na contemporaneidade, contudo, vimos emergir pressupostos de uma “suposta ciência”, a pseudociência, cuja teoria se vale do sistema científico, estrutura e forma, da autoridade científica, de metodologia científica empobrecida (ou nenhuma), não confiável, mas de fácil aceitação (Piejka; Okruszek, 2020).

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB**  
**Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

A pseudociência é um campo de crenças que manuseia hipóteses ou tece inferências que derivam de premissas duvidosas, que se apresenta como autenticamente científica com pressupostos não-científicos (Bunge, 2013). Além disso, a superprodução de resultados científicos de baixo valor produz uma sobrecarga de informação, desperdício de recursos humanos e materiais, aspectos que reforçam a descredibilidade da ciência no contexto da opinião pública (Bunge, 2013).

Na constituição do seu campo discursivo, a pseudociência está estruturada com referentes de um universo imaginário, nos quais estão presentes, por exemplo, influências astrais, espíritos, objetos voadores não-identificados etc.; no campo científico, teorias como o criacionismo, a astrologia, a homeopatia e a terapia psicanalítica (Bunge, 2013). No campo filosófico, apresenta abordagem gnosiológica ocultista, cujo *ethos* defende, impetuosamente, o dogma. Sua problemática e objetivos se revestem de aspectos típicos do âmbito das práticas, não do cognitivo. Apresenta a reboque inúmeras hipóteses incompatíveis com a cientificidade, em particular, não contém leis propriamente ditas. Seus métodos não são objetos de análise comparativa ou justificáveis, seus experimentos não admitem críticas e não podem ser refutados.

No campo tecnológico, a pseudociência projeta benesses como um novo dispositivo técnico, ou artefato, ou programa operacional revolucionário para a sociedade. Suas promessas de progresso são disseminadas exponencialmente via tecnologias de informação e comunicação de nosso tempo. Em razão da velocidade e facilitação do acesso imediato, mormente, patrocinado, atinge diferentes públicos no planeta, sem que haja mediações adequadas ou alertas estruturados sobre seu efeito nocivo. Em suma, os danos causados pela pseudociência podem limitar-se a um ciclo pequeno de interessados, e ser facilmente esquecida, porém, pode acarretar inúmeros problemas concretos, difíceis de serem combatidos, como por exemplo, a propagação de desinformação ou acentuação do negacionismo científico.

De acordo com Bunge (2013, p. 77) a pseudociência é perigosa porque:

*a) intenta hacer pasar especulaciones desenfreadas o datos no controlados por resultados de investigación científica; b) da una imagen equivocada de la actitud científica; c) contamina alguno campos del conocimientos, em particular las ciência blandas (semiciencias) y las humanidades; d) es accesible a millions de personas; e) goza del apoyo de poderosos grupos de*

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB**  
**Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

*presión – iglesias, partidos políticos - y la simpatía de los medios de comunicación de masas.*

Além disso, o autor assinala que a pseudociência é perigosa porque se converteu em um negócio multimilionário que explora a credibilidade do público, e coloca em perigo o bem-estar social da população, incluindo o futuro de algumas nações (Bunge, 2013).

Em síntese, pseudociência é uma disciplina (ou indisciplina) que se faz passar por ciência (ou tecnologia) sem sê-la. A definição apresentada é restrita, mas apresenta em linhas gerais a problemática em questão.

Para Bunge (2013) a pseudociência possui as seguintes marcações: formada por uma comunidade de crentes, não de investigadores; pode estar associada a uma sociedade anfitriã científica, que a apoia por motivos práticos e escusos, já que a pseudociência pode ser um negócio lucrativo, ou porque reforça uma ideologia hegemônica. Além disso, seu universo discursivo evoca “imagens” ou “simbologias” não concretas: memórias ancestrais, experiências sobrenaturais, destino determinado, dentre outras. Sua concepção filosófica geral inclui uma ontologia que admite a existência real de entes fantasmagóricos, imateriais; sua gnosiologia admite argumentos de autoridades paranormais, cujos conhecimentos estariam acessíveis somente pelos iniciados e, também, interpretados somente por estes; um *ethos* distante da busca da verdade, da profundidade ou de sistematização, ou seja, atua em defesa da doutrinação. É formalmente simplificada, nem sempre com respeito a uma lógica. Sua especificidade é rasa ou vazia. Apresenta pouca interação com outros campos do conhecimento e contribui pouco ou nada com áreas diferentes. A problemática da pseudociência é mal apresentada, possui pressupostos falsos e está calcada pela ordem da praticidade. O fundo de conhecimento acumulado não é amplo, é estanque e contém inúmeras hipóteses incompatíveis ou incomparáveis com hipóteses científicas confirmadas. Em geral, não contém leis propriamente ditas. Os objetivos correspondem ao caráter predominantemente prático da problemática. Não contém objetivos característicos da investigação científica tais como busca de leis, sistematização de teorias e utilização para fins de explicação. Sua metodologia não é comparada nem justificada, não realiza experimentos e não admite crítica. Sua composição muda no curso do tempo, resulta em controvérsias ou pressões externas, não de investigação científica. Por fim, a pseudociência não tem proximidade com outros sistemas similares, está isolada, pois não existe um sistema de pseudociências em paralelo ao das ciências.

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB**  
**Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

Por seu turno, a Ciência distingue-se pela busca deliberada de resultados total ou parcialmente livres das limitações impressas pelo senso-comum ou defendidos pela pseudociência. A força motriz da ciência é impulsionada pela descoberta e pela formulação das condições sob as quais ocorrem os diversos tipos de acontecimentos (Nagel, 1972). Diante do exposto, adotamos os critérios de cientificidade propostos por Mario Bunge (2013), considerando sua evidente contribuição aos estudos de Epistemologia, em conformidade com a proposta que aventamos refletir neste estudo.

#### **4 CRITÉRIOS DE CIENTIFICIDADE E *INFORMATION LITERACY***

De maneira concreta, se a *information literacy* comporta-se como um campo científico, então deve obedecer a critérios mínimos de cientificidade. Para esta reflexão, tomamos como referência a abordagem de Bunge (2013). Segundo Bunge (2013), os critérios populares de ciência são de natureza tautológica (autorreferente), consensual (unânime), empírica (baseada somente na interpretação de dados), pesquisas irrefutáveis, pragmatistas (pautadas pelo êxito prático), formalista ou fundamentada apenas pelo método científico (metodologista), não se caracterizam como aspectos adequados para cientificidade. Nesse sentido, Bunge (2013, p. 35-36) propõe o seguinte décuplo:

C = < C, S, D, G, F, E, P, A, O, M

Explicado do seguinte modo:

C – Comunidade de pesquisadores: não um conjunto de estudiosos nem uma comunidade de crentes, mas sim, um sistema composto por pesquisadores relacionados entre si por uma tradição comum, assim como por fluxos de informação;

S – Sociedade que se apoia ou ao menos tolera as atividades específicas dos integrantes de C; S proporciona a C os meios e lhes permite a liberdade necessária para pesquisarem, ou ao menos tolera que se agenciam desses meios;

D – Domínio ou universo de discurso de D está composto exclusivamente de entes reais, atuais ou possíveis, passados, presentes ou futuros.

G – Base filosófica ou Visão geral inerente a C; composta de uma ontologia, uma gnosiologia e um *ethos*;

F – Base formal F, conjunto de teorias e métodos formais atualizados;

E – Base específica E de C, ou seja, o conjunto de dados, hipóteses, teorias e métodos obtidos de outros campos de pesquisa;

P – Problemática P consta de problemas cognoscitivos referentes a natureza (em particular as leis) presentes em D e C;

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB**  
**Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

A – Conhecimento acumulado A em C, ou seja, o conjunto de dados, hipóteses, teorias e métodos compatíveis com E, obtidos em C anteriormente, razoavelmente verdadeiros ou eficazes; (p.36)

O – Objetivos O incluem as descobertas ou uso das leis em D, e o refinamento dos métodos em M;

M – Metódica ou conjunto de métodos comprovados, analisados, criticados e justificados.

A partir da explicitação e aplicação aqui tomadas por critérios de cientificidade (Bunge, 2013) apontamos algumas considerações.

C – Qual é a característica da comunidade científica? Ela é formada por pesquisadores ou pessoas que creem tão somente na *Information Literacy* como a melhor expressão do desenvolvimento de competências?

D – Domínio discursivo: o conjunto de termos utilizados referem-se a coisas reais, entes que existem? Existe um ente chamado “competência/habilidade/destreza” que possa ser analisado exteriormente e testado? Existe um ente objetivo chamado “informação” ou “conhecimento”? Existe na realidade uma lista de fatores intervenientes que interferem na busca de informação? Que buscas de informação não estão presentes na análise? Será que buscas fora do âmbito especializado (técnico, científico, universitário, empresarial) não são consideradas fenômenos de busca de informação? Existe um tal conceito claro para comportamentos/competência e que possamos indicar, medir?

M – Falta de métodos analisáveis, comparáveis e criticáveis. Vale dizer que métodos de pesquisa não são o mesmo que métodos de intervenção em um processo educativo. Estudar um fenômeno não é o mesmo que interferir na realidade. Os procedimentos, geralmente enfatizam a intervenção, mas a investigação ampla e anterior ainda não está desenvolvida;

F - Base formal: quais são as premissas lógicas que podem ser especificadas e testadas até mesmo matematicamente sobre como conhecemos, como desenvolvemos competências, como jovens, crianças e idoso aprendem com documentos, informações e tecnologias?

A *information literacy*, assim como a abordagem francófona, e correlatas, se observadas em termos epistemológicos, carecem de cientificidade, em vários aspectos. A abordagem cultural-construtivista parece mais abrangente pois inclui mais variáveis, como cultura, contexto, interações, linguagens etc., mas que se caracterizam, também, como hipóteses de estudo e não conclusões de pesquisas já realizadas sobre sua eficácia. Em termos epistemológicos, ambas trazem hipóteses explicativas, com base em variáveis.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da explicitação e aplicação das categorias aqui tomada por critérios de cientificidade (Bunge, 2013), apontamos considerações preliminares sobre o estudo em andamento, bem como, questionamentos a serem propostos para o campo, concernentes às abordagens da *information literacy*, *culture de l'information* e correlatas.

O conjunto de aspectos arrolados e discutidos aqui, nos indica necessidade de avançarmos debates sobre a temática com pesquisas que possam responder as seguintes perguntas: a *information literacy* apresenta realmente uma teoria científica? Os conceitos que professa são científicos, baseados em fatos sobre a aprendizagem? Seria uma teoria ou apenas uma ideologia mantida por instituições internacionais, associações profissionais e acadêmicas procurando um status científico? Será uma área que usa a linguagem da ciência para se passar por científica, recorrendo a termos como “modelo”, “método”, “pesquisa”, “teoria”, dentre outros?

Por fim, vale mencionarmos que em nosso país, atualmente, diferentes abordagens como a “competência crítica em informação” (Bezerra; Schneider; Saldanha, 2019), inspirada pela “*Critical Information Literacy*” estadunidense (Tewell, 2015), a “educação em informação” (Zattar; Barbosa; Borges, 2023) e a “infoeducação” (Perrotti; Pieruccini, 2007; 2016), brasileiras, têm problematizado e refletido sobre os limites epistemológicos da *information literacy* e das abordagens correlatas. Isto indica que a problemática presente nos postulados da *information literacy*, da *culture de l'information*, e abordagens correlacionadas, não foram superadas e encontram-se de maneira lacunar nos debates dessa área de conhecimento no contexto da Ciência da Informação.

## REFERÊNCIAS

BELLUZZO, R. C. B. Competências na era digital: desafios tangíveis para bibliotecários e educadores. **ETD – Educação Temática Digital**, v. 6, n. 2, p. 27-42, 2005.

BEZERRA, A. C.; SCHNEIDER, M.; SALDANHA, G. S. Competência crítica em informação como crítica a competência em informação. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 3, n. 29, p. 5-22, 2019.

BUNGE, M. **Pseudociencia e ideologia**. 2. ed. Madrid: Laetoli, 2013. p. 23-38.

BURCH, S. Sociedade da informação/sociedade do conhecimento. In: AMBROSI, A.; PEUGEOT, V; PIMIENTA, D. **Desafios de palavras**: enfoques multiculturais sobre as sociedades da informação. Paris: C & F Éditions, 2005.

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB**  
**Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

CAIRES, F. M. **Biblioteca na educação: práticas colaborativas e apropriação cultural**. 2014. 232 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

CAMPELLO, B. A competência informacional na educação para o século XXI. *In*: CAMPELLO, B.; CALDEIRA, P. (org.). **Biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. p. 9-11.

CAMPELLO, B. S. **Letramento informacional: práticas educativas de bibliotecários em escolas de ensino básico**. 2009. 203 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ECID-7UUPJY>. Acesso em: 15 maio 2025.

CARTA de Marília. *In*: SEMINÁRIO DE COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO: cenários e Tendências, 3., 2014, Marília, SP. **Anais [...]** Marília: UNESP; UNB; IBICT, 2014. Disponível em: [https://ofaj.com.br/textos\\_conteudo.php?cod=546](https://ofaj.com.br/textos_conteudo.php?cod=546). Acesso em: 05 fev. 2026.

CHARTERED INSTITUTE OF LIBRARY AND INFORMATION PROFESSIONALS (CILIP). **CILIP definition of information literacy 2018**. [S. l.]: Information Literacy Group, 2018. Disponível em: [https://cdn.ymaws.com/www.cilip.org.uk/resource/resmgr/cilip/information\\_professional\\_and\\_news/press\\_releases/2018\\_03\\_information\\_lit\\_definition/cilip\\_definition\\_doc\\_final\\_f.pdf](https://cdn.ymaws.com/www.cilip.org.uk/resource/resmgr/cilip/information_professional_and_news/press_releases/2018_03_information_lit_definition/cilip_definition_doc_final_f.pdf). Acesso em: 15 jan. 2024.

CHIBENI, S. S. **O que é ciência?**. 2006. Disponível em: <http://www.unicamp.br/~chibeni/textosdidaticos/ciencia.pdf>. Acesso em: 21 maio 2025.

CORNU, B. *et al.* Vous avez dit “société de l'information”? *In*: COMMISSION NATIONALE FRANÇAISE POUR L'UNESCO. **La “société de l'information”**: glossaire critique. La Documentation Française, 2005. p. 9-38.

COUZINET, V. Transmitir, difundir: formas de institucionalização de uma disciplina. **Perspectivas da Ciência da Informação**, Belo Horizonte, n. 14, n. especial, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/23115/18696>. Acesso em: 27 jun. 2024.

DECLARAÇÃO de Maceió sobre a competência informacional. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 24., 2011. Maceió. **Anais [...]** Maceió: FEBAB, 2011.

DUDZIAK, E. A. **A Information Literacy e o papel educacional das bibliotecas**. 2001. 187 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27143/tde-30112004-151029/publico/Dudziak2.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2026.

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB**  
**Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

DUDZIAK, E. A. Information literacy: princípios, filosofia e prática. **Ciência da Informação**, v. 2, n. 1, p. 23-25, 2003.

FLEURY, M. T. L.; FLEURY, FLEURY, A. Construindo o conceito de competência. **Revista de administração contemporânea**, v. 5, n. especial, p. 183-196, 2001.

GASQUE, K. C. G. D. Arcabouço conceitual do letramento informacional. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 39, n. 3, p. 83-92, set./dez. 2010.

GERMANO, M. G. **Uma nova ciência para um novo senso comum**. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

LE DEUFF, O. **La culture de l'information en reformation**. 2009. 533 f. Tese (Doutorado em SIC) – Humanities and Social Sciences, Université Rennes 2, French, 2009. Disponível em: <https://shs.hal.science/tel-00421928/>. Acesso em: 27 jun. 2024.

LEITE, C. M.; DE LUCCA, D. M.; NEUBERT, P. S. A produção científica brasileira sobre competência em informação: um estudo dos artigos indexados na BRAPCI (2000-2019). **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 18, p. 1-14, 2022.

MANIFESTO de Florianópolis sobre a Competência em Informação e as populações vulneráveis e minorias. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 25., 2013, Florianópolis, SC. **Anais [...]** Florianópolis, SC: FEBAB, 2013. Disponível em: <https://labirintodosaber.com.br/wp-content/uploads/2022/08/FEBAB-Manifesto-Florian%C3%B3polis-2013-Compet%C3%Aancia-em-Inforna%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2026.

MANIFESTO Político sobre Competência em Informação (CoInfo) - 2022 – Bibliotecário Profissional Luz. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 29., 2022. **Anais [...]** São Paulo: FEBAB, 2022. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/6255#:~:text=O%20%E2%80%9CManifest> . Acesso em: 05 fev. 2026.

MARZAL, M. A.; PRADO, J. C. 15 años de alfabetización en información: investigación internacional recogida en LISA, ERIC y SSCI entre 1990 y 2005. **Boletín de la Asociación Andaluza de Bibliotecarios**, n. 22, p. 15-27, 2007.

MAURY, Y. Définition(s) de la culture informationnelle. In: VERBRUGE, A. (dir.), **Culture informationnelle et curriculum documentaire**. Université Lille 3: Rapport final au Ministère de la Recherche concernant l'ERTé, 2010. p. 127-133.

MAURY, Y.; SERRES, A. R. Présentation. In: CHAPRÓN, Françoise; DELAMOTE, François. **L'éducation à la culture informationnelle**. França: Presses de l'Enssib. Collection Papiers, 2010.

NAGEL, E. Ciência: natureza e objetivo. In: MORGENBESSER, S. (org.). **Filosofia da ciência**. São Paulo: Cultrix, 1972. p. 13-24.

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB**  
**Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

NASCIMENTO, L. S. **Informação e educação**: as origens da *information literacy* - um estudo do relatório *The Information Service Environment Relationships and Priorities*, de Paul Zurkowski. 2018. 152 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

PANDO, D. A. **Epistemologia da organização da informação**: uma análise de sua cientificidade no contexto brasileiro. 2018. 463 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Marília, SP, 2018.

PERROTTI, E; PIERUCCINI, I. Infoéducation: ceci n'est pas une pipe: à la recherche d'une troisième rive. **Mediadoc Apden**, Paris, n. 16, p. 18-21, juin 2016.

PERROTTI, E.; PIERUCCINI, I. Infoeducação: saberes e fazeres da contemporaneidade. *In*: LARA, M. L. G.; FUJINO, A.; NORONHA, D. P. (org.) **Informação e contemporaneidade**: perspectivas. Recife: Néctar, 2007. p. 46-97.

PERROTTI, E.; PIERUCCINI, I. Novos saberes para a educação do século XXI. *In*: MENDONÇA, R. H.; MARTINS, M.F. (org.). **Salto para o futuro**: TV, educação e formação de professores. v. 4, edição especial. Rio de Janeiro: Salto para o futuro/Tv escola/SEB-MEC, 2013. p. 9-25. Disponível em:  
[http://www2.eca.usp.br/nucleos/colabori/documentos/vol\\_4\\_salto\\_para\\_o\\_futuro\\_20\\_ano\\_s.pdf](http://www2.eca.usp.br/nucleos/colabori/documentos/vol_4_salto_para_o_futuro_20_ano_s.pdf). Acesso em: 29 abr. 2024.

PIEJKA, A.; OKRUSZEK, Ł. Do you believe what you've been told?: morality and scientific literacy as predictors of pseudoscience susceptibility. **Applied Cognitive Psychology**, v. 34, n. 5, p. 1072-1082, 2020. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.1002/acp.3687>. Acesso em: 10 abr. 2015.

PIERUCCINI, I. **A ordem informacional dialógica**: estudo sobre a busca de informação em Educação. 2004. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. Disponível em:  
<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27143/tde-14032005-144512/pt-br.php>. Acesso em: 20 mar. 2025.

SANTOS, A.; MAIA, L. O que há num nome?: information literacy e a Coinfo. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 50, n.2, p. 125-140, set./dez. 2021.

SERRES, A. R. Quelle culture de l'information pour les élèves et étudiants?: entretien avec Alexandre Serres. Rennes, **Cahier d'Éducation et Devenir**, n. 9, p. 10-16, oct. 2010. Disponível em:  
[http://www.educationetdevenir.fr/IMG/pdf/cahier\\_9\\_Article\\_de\\_A\\_Serres.pdf](http://www.educationetdevenir.fr/IMG/pdf/cahier_9_Article_de_A_Serres.pdf). Acesso em: 03 set. 2014.

SERRES, A. R. Repères sur la translittératie: séminaire du GRCDI, 5. *In*: SERRES, S. **La translittératie en débat**: regards croisés des cultures de l'information (infodoc, médias, informatique) et des disciplines. Rennes, 7 septembre 2012. Disponível em :

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB**  
**Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

[https://halshs.archives-ouvertes.fr/CULTURES\\_INFORMATION/sic\\_01476798v1](https://halshs.archives-ouvertes.fr/CULTURES_INFORMATION/sic_01476798v1). Acesso em: 27 jun. 2024.

SILVA, G. R. Competência em informação e educação: campo de interlocução entre bibliotecários e educadores. *In*: MORAES, J. A. N.; VESZ, P.; PEREIRA, P. C. (org.). **Inclusão ou exclusão**: os impactos na educação do século XXI e suas contribuições educacionais, digitais e sociais. Rio de Janeiro: Instituto de Desenvolvimento Humano e Profissional, 2021. p. 53-68.

SIQUEIRA, I. C. P. Pressupostos para um programa nacional de competências informacionais. **Ciência da Informação**, v. 40, p. 478-491, 2011. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1303/1481>. Acesso em: 27 jun. 2024.

TEWELL, E. A decade of critical information literacy. **Communications in Information Literacy**, v. 9, n. 1, p. 24-43, 2015. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.15760/comminfolit.2015.9.1.174>. Acesso em: 27 jun. 2025.

URIBE TIRADO, A. La alfabetización informacional em Iberoamérica. **Ibersid**: revista de sistemas de información y documentación, v. 4, p. 165-176, 2010. Disponível em: <https://www.ibersid.eu/ojs/index.php/ibersid/article/view/3807>. Acesso em: 29 abr. 2025.

VIRKUS, S. Information literacy in Europe: a literature Review. **Information Research**, v. 8, n. 4, p. 1-159, 2003. Disponível em: <https://informationr.net/ir/8-4/paper159.html>. Acesso em: 29 abr. 2025.

VITORINO, E. V.; PIANTOLA, D. Competência informacional: bases históricas e conceituais: construindo significados. **Ciência da Informação**, v. 38, n.3, p. 130-141, 2009. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1236>. Acesso em: 12 ago. 2025.

ZATTAR, M.; BARBOSA, M. F. S. O.; BORGES, J. Educação em informação: uma proposição terminológica e conceitual. **Informação & Sociedade**: Estudos, João Pessoa, n. 33, p. 1-14, 2023. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/329577>. Acesso em: 12 maio 2025.